



Pacheco Pereira, Boaventura Sousa Santos e Carvalho da Silva

“Lógica de mercado está a contaminar a solidariedade”

Debate

Nuno Sá Lourenço

Boaventura Sousa Santos apresentou livro sobre o papel das religiões e dos religiosos no combate contra a opressão

O ponto de partida do debate era desde logo uma provocação, até para os oradores convidados. Ainda mais se se tivesse em conta o que o autor assumiu durante a troca de impressões que decorreu ontem na Fundação José Saramago. O livro de Boaventura Sousa Santos *Se Deus fosse um activista dos direitos humanos* juntou em Lisboa o ex-secretário-geral da CGTP e o historiador Pacheco Pereira.

No livro, nas palavras do sociólogo, dava-se nota do “retorno das teologias políticas” pelo mundo, depois do fracasso das “gramáticas” do século XX – comunismo, libertação nacional – a que haviam recorrido “os que não se conformavam com o *status quo*”, que agora usavam a “arma” dos direitos humanos para combater os “opressores”.

O debate tornou-se mais vivo devido a Pacheco Pereira que foi à Casa dos Bicos apresentar o livro na “situação um pouco bizarra” de discordar de muitas das assunções e das conclusões a que chegara Sousa Santos. A maior de todas prendia-se com a sua percepção de que o autor tendia desvalorizar a liberdade e valorizar em demasia a comunidade. “Não troco a liberdade pela comunidade”, resumiu o social-democrata, que mais à frente haveria de explicar a sua desconfiança em relação à “nostalgia da aldeia”.

Sousa Santos começou por dizer que não ia tão longe como a leitura de Pacheco Pereira poderia fazer crer. Explicou também que o que tentara explanar no livro era o papel de religiões e religiosos na “insurgência” contra a opressão, não vendo nenhum mal nisso. “Se alguém chama a isso Deus qual é o problema?”.

Sobre a ideia de comunidade, o sociólogo lembrou que em certos países ela não desaparecera totalmente, apesar das consequências de uma sociedade mais urbana. E deu mesmo alguns exemplos de como essa ideia de comunidade poderia ser benéfica para a sociedade actual. Como quando lembrou que Portugal era o “país onde mais pais pagavam a primeira prestação na compra da casa dos filhos”.

Nem mesmo com a intervenção da pequena assistência o debate deixou de pairar por estes termos. Um arquitecto – que se assumiu não-crente – insurgiu-se contra a denúncia que Sousa Santos fizera contra a imposição de “condições” que algumas IPSS faziam para concederem o seu apoio, por exemplo a prostitutas. Dando exemplos do trabalho de algumas dessas instituições. “Se o Estado fizesse tanto como a igreja católica, Portugal estava melhor que a Suíça”, atirou ao sociólogo. Ainda assim, Boaventura Sousa Santos, que assumiu pretender “resgatar a esperança, a utopia e a rebeldia” perante as injustiças, sempre deixou uma crítica mais velada ao Governo quando comentou a forma como o Executivo trabalhava a solidariedade. “Como vamos manter a coesão social quando agora até o trabalho social tem que se chamar empreendedorismo? A lógica de mercado está a contaminar a solidariedade”.